

APRESENTAÇÃO

IMAGENS: ARTE, HISTÓRIA E CULTURA VISUAL

DOI: 10.5935/2177-6644.20200010

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato *
Maristela Carneiro **
Organizadoras

Entrelaçar saberes, produzir outros diálogos que aprofundem as dimensões analíticas da cultura visual, das imagens e da arte como propulsoras de leituras de mundos. Olhar cada significado de ser e construir-se no mundo, faz-nos (re)pensar que os caminhos de uma sociedade se forjam nas entrelinhas de cada ação cotidiana. Segundo Hernández (2000, p. 30), a cultura “define-se como o conjunto de valores, crenças e significações que [as pessoas] utilizam (quase sempre sem reconhecê-los) para dar sentido ao mundo em que vivem”.

E como podemos sonhar se não temos a arte, as imagens, a história e a cultura visual em nossas vidas? Como passar pelas margens sem ver aspectos das elucubrações de cada artista, de cada poeta? Essas questões impulsionam a análise sobre a produção histórica de sujeitos, de práticas, de ações que se estabelecem nas relações contemporâneas.

A cultura visual pode englobar diferentes perspectivas de representação, envolvendo artes visuais, artes cênicas, design, publicidade, cinema e audiovisual – sempre tendo como convergência, em diferentes níveis, a utilização das imagens. Vincula-se e nos apresenta uma diversidade de ‘olhares’ a partir de um vasto campo de imagens.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-UFMS). E-mail: jaqueline.zarbato@gmail.com

** Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora adjunta na Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente no Departamento de Artes e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO-UFMT). E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com

Aportamos a análise concordando com Dikovitskaya (2002), pela ampliação dos usos do termo “estudos visuais”, que se expande no território profissional dos estudos da arte para incluir artefatos de todos os períodos históricos e culturas. Meneses (2003, p. 12), alerta que ao “se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem — transformada em fonte de informação”. Isso nos convida a repensar as imagens, as produções no campo da arte num âmbito de uma investigação deveras interdisciplinar e cotejado por múltiplos e constantes atravessamentos – ciências sociais, humanidades e comunicação.

Convidando a perceber as particularidades dos discursos, dos movimentos da arte, sejam contemporâneos ou não, das articulações entre a produção de documentos e materiais educativos, da construção das imagens de heróis. Enfim, da produção de (re)leituras e análises por imagens, representações e textos. Segundo Debray (1993, p.15), as imagens são “potência de algo diferente de uma simples percepção, sua capacidade – aura, prestígio ou irradiação – muda com o tempo”.

Usar as imagens, as representações culturais, os poemas para problematizar diferentes tempos históricos e ações de sujeitos sociais permite que se ampliem as possibilidades de diálogos políticos, situando as mudanças e transformações por que passaram os diferentes grupos sociais.

O que se pretende nessa abordagem que interliga os diferentes saberes e conhecimentos produzidos no campo da imagem, arte, história e cultura visual se dá em evidenciar a interdisciplinaridade que perpassa as análises com diferentes fontes e iconografia. São diversos tipos de imagens, que merecem ser compreendidos segundo as técnicas de produção e circulação, da estética à publicidade, da periferia ao discurso oficial. São projeções de culturas, que trazem consigo a visualização dos diferentes grupos e espaços sociais, nos levando a problematizar a experiência que mediará outros olhares.

E esses outros olhares foram inseridos nas análises projetadas nesse dossiê, o qual trouxe as perspectivas de análise sobre os aspectos visuais da experiência social, possibilitando a problematização da produção de sentido social e discutindo as relações entre imagem e poder.

Neste número da revista, tem-se artigos submetidos ao dossiê, mas também com artigos livres, um ensaio, um projeto de pesquisa e uma entrevista. São diferentes abordagens que enveredam por caminhos epistemológicos entre história, arte e cultura visual.

No artigo *Dimensão social da visualidade no fazer do historiador*, de Gabriela Isbaes & Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, tem-se a análise sobre o campo da visualidade como aspecto importante da vida social e dos processos sociais. As autoras apresentam as perspectivas da História Cultural e da Cultura Visual como caminhos propícios para as pesquisas com imagens e

como podem auxiliar os historiadores no trato mais adequado destes materiais, de modo a construir uma história mais plural e abrangente.

As artes visuais inspiram o artigo *A Medeia de Bernard Safran: uma imagem trágica do American Dream*, de Mateus Dagios, que aborda o quadro Medeia em duas direções: enquanto a primeira busca rastrear na pintura de Safran um diálogo com a memória cultural das imagens de Medeia, e a segunda examina a interpretação de que a versão de Safran aborda um lado trágico do American Dream em relação ao que Betty Friedan chamou de “o problema sem nome”.

Por sua vez, em um debate fronteiriço, no artigo *Do Movimento Concreto ao Clipoema: a poética na história da arte brasileira*, de Thaiane de Toledo & Maria Cristina Mendes, pode-se perceber como os Clipoemas são obras de arte que inter-relacionam as linguagens sonora, verbal e visual. As autoras contextualizam historicamente o Movimento Concreto e o Neoconcreto que surgem no Brasil nos anos 1950, com o intuito de explicitar características singulares da produção de Clipoemas na década de 1990.

Fugindo das definições clássicas de arte e literatura, o artigo *O gênero de terror e o mercado editorial de quadrinhos brasileiro*, de Willian Fernando Peplow, apresenta a análise sobre as contribuições de empresários e editoras, que possuíram influência na inserção das HQs no Brasil e na criação dos primeiros quadrinhos de terror. Relaciona-se ainda a produção e comercialização nas décadas de 1930 e 1940 e o surgimento do gênero de terror nesta literatura, na década de 1950.

Voltamo-nos à Antiguidade, com olhos contemporâneos, no artigo *Pisístrato, Hércules e o Artesão-Pintor Exéquias: a emergência de um ethos ático*, de José Roberto de Paiva Gomes, e encontramos uma análise sobre Hércules, como um modelo de propaganda política de Pisístrato, bem como uma divindade heroica secundária no imaginário social grego, se comparado a Teseu. Apresenta-se o herói como o reflexo do governante e suas aventuras, nos vasos áticos como estratégia e emergência de um novo *ethos* (modo de vida), destacado pelos artesãos-pintores, destacando o papel de Exéquias, durante a tirania arcaica ateniense.

Avançando no tempo, essa construção intelectual que por vezes nos guia, por vezes nos aprisiona, no artigo *A recepção do inferno na visão de Túndalo pela iconografia medieval*, de Luana Barbosa Miranda Souza, há a análise sobre as contribuições da Visão de Túndalo para a construção da iconografia do Inferno cristão medieval. A análise combina as iluminuras presentes no manuscrito borgonhês *Les Visions Du Chevalier Tondal* (século XV) com a versão textual lusitana *Visão de Túndalo* (século XV), a partir de uma discussão teórica e metodológica pautada na Nova História Cultural.

Pensando as intersecções entre o audiovisual e as imagens, no artigo *Representações e temporalidades do sertão em Cinema Aspirinas e Urubus*, de Ledson Marcos Sousa Silva; Johnnys Jorge Gomes Alencar & Dikson Almeida Freire, tem-se a reflexão sobre as representações e temporalidades do sertão e do sertanejo no longa-metragem do diretor Marcelo Gomes, lançado no ano de 2005. Com a análise do cenário e das falas de personagens do filme, os autores dialogam sobre a representação construída sobre sertanejo e sertão.

Seguimos na arena cinematográfica com o artigo *Cinema e lembranças – o documentário Dzi Croquettes (2009) e a construção de biografias e legados*. Neste, Andrei Chirilă analisa, a partir dos conceitos de microanálise de Grendi, microescala e paradigma indiciário de Ginzburg; a narrativa no documentário *Dzi Croquettes (2009)*, de Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Discute como se reconstrói as trajetórias de Lennie Dale, “pai” do grupo e Wagner Ribeiro, a “mãe”, e explora o legado destes no teatro, nas artes e na música brasileiras.

Migramos para a publicidade e mídias impressas, com o artigo *Símbolos em propagandas de cigarros na década de 70 (1970-1979)*, de Luis Gustavo de Paiva Faria, que apresenta a reflexão sobre os símbolos presentes em propagandas de cigarros, realizando um levantamento quantitativo dos símbolos veiculados nesses anúncios. O autor focaliza a predominância na utilização de associações imagéticas, em especial associações a casais heterossexuais, sofisticação na indumentária, esportes radicais e alimentação.

Já o artigo *Um lugar de autoridade e saber: a construção de um nós nas capas da Revista Veja*, de André Luís Andrade Silva & Ariane Carla Pereira, há a investigação sobre a prática jornalística da revista *Veja* entre os anos de 2011 e 2016. Ao tomar a revista como um lugar de autoridade, no qual, por meio de articulações entre textos e imagens, os autores discutem como se busca construir um grupo identitário responsável pela produção de uma polarização no âmbito político brasileiro.

Ainda neste âmbito, têm-se o ensaio *Aura, culto e autoimagem em redes: reflexões entre Benjamin e Didi-Huberman*, de Bany Narondy Cabral Lima & Gihad Abdalla El Khouri, que visa construir pontes entre filosofia, artes e comunicação, compreendendo sites de redes sociais como plataformas que abrigam percepções atuais sobre a imagem, especificamente a autoimagem, popularizada como *selfie*. Para tal, realizou um recorte bibliográfico em Walter Benjamin (1985) dialogando com Didi-Huberman (2010), trazendo reflexões sobre aura, culto e imagem.

Adiante, ainda temos a entrevista *Arte é fundamental para não embrutecermos e sabermos que há uma luz mais adiante* – concedida aos autores Fernanda Safira Soares Campos e Pedro Pinto

de Oliveira, parte de um projeto mais amplo do periódico *pnbonline*, que tem como proposta, dentre outras demandas, a de abrir o espaço não-acadêmico para a divulgação científica e para o debate das ideias dos cientistas sobre o contexto contemporâneo. É um bônus desta edição, e discute aspectos desse prisma contemporâneo, atravessado por múltiplas e, aparentemente, infinitas variáveis!

Este número da Revista TEL ainda conta com quatro artigos livres e, em maior ou menor medida, guardam relação com o Dossiê: *Violência e punição no filme Império do Desejo* (Carlos Reichenbach, 1981), de Bruno Bello; *Análise da relação entre Elizabeth II e Margareth Thatcher em “The Crown”*, de Valmir Mortelli; *Análise do discurso em processos crimes contra a honra Mallet-Pr (1953-1974)*, Dhyandra Montani Schactai; e *Preconceito e diversidade: pelos becos da escola inclusiva*, de Simone Aparecida Dupla. Para fechar, um projeto de pesquisa: *Espadeiros (as) e Policiais na guerra de espadas em Cruz das Almas-BA (1980-2017)*, de Filipe Arnaldo Cezarinho.

Conforme proposto, as imagens são tomadas enquanto objetos constituídos historicamente, considerando suas particularidades, especialmente no que se refere às suas funções estéticas e narrativas, atentando para os debates teóricos e metodológicos com os quais são manejadas, compreendidas e analisadas, sobretudo no campo das visualidades. Aqui, as imagens não são vistas como linha de chegada, como um troféu de pesquisa. Antes, são tomadas como caleidoscópio, como pedra de toque, permitindo-se refletir sobre os múltiplos lugares nos quais se fazem presentes e as várias funções que admitem, em um campo de saber multidisciplinar marcado por tensões e hierarquizações, colaborando para o debate teórico-metodológico acerca das articulações que as ativam como elemento fundamental do mundo contemporâneo e de suas (quase) infinitas relações.